

Para uma Análise Intrínseca das Letras: o New Criticism

Gustavo Augusto de Abreu Clevelares¹

Resumo

São inúmeros e de importância maior os estudos acerca das correntes críticas na área dos estudos literários. Visa-se nesse ensaio discorrer sobre os princípios, propostas e deliberações do modelo inovador de análise literária surgido em 1940 – O New Criticism. Em consequente, pairando sob a perspectiva do modelo da neocrítica, é feita uma breve análise de um conto Machadiano a fim de mostrar aspectos positivos e negativos da forma intrínseca de inspeção do texto proposta por essa corrente crítica que teve como representantes nomes como William Empson e Thomas S. Eliot.

Palavras-chave: *New Criticism; Teoria Literária; Machado de Assis.*

“Eu sou um cemitério odiado pela lua,
Onde, como remorsos maus, vermes compridos
Andam sempre a atacar meus mortos mais queridos.
Sou como um camarim em que há rosas fanadas,
Toda uma confusão de modas já passadas,
Gravuras de Boucher que ainda aspiram decerto
O perfume sutil de um velho frasco aberto.”

Charles Baudelaire

¹ Graduando no quarto período em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) campus Faculdade de Formação de Professores (FFP). Integrante bolsista de iniciação científica na pesquisa “Poesia Decadentista Brasileira”, coordenada pelo professor doutor Fernando Monteiro de Barros Junior.

INTRODUÇÃO

O termo *crítica* provém do grego *crinein*, que tem como significado julgar, apreciar e examinar. No caso da literatura, a crítica literária tem por função analisar os textos e admitir sobre eles juízo de valor e modalidades de inspeção do texto, de acordo com o ponto de vista de cada corrente. Estudar a trajetória do *New Criticism* compreende entender um modelo radicalmente inovador de encarar as obras literárias, aplicando nelas ferramentas de análise que permeiem as linhas com uma atitude anti-biográfica e anti-histórica.

UM BREVE PANORAMA DO NEW CRITICISM

Rompendo com a ideia de que a literatura só pode ser interpretada sob o prisma de outra ciência, da visão do autor ou da escola literária vigente durante o período de produção da obra, a corrente crítica aqui estudada foi batizada em 1940 nos Estados Unidos como *New Criticism* por John Crowen Ransom. Apesar de ter sido nomeada como *New Criticism* em 1940, é por volta de 1920 que a corrente crítica surge a partir de um ensaio intitulado *Tradition and the individual talent* feito por Thomas Stearns Eliot. O referido autor do ensaio foi um dos primeiros críticos norte americano a se debruçar na pesquisa de uma teoria objetiva da arte. Em 1924, Ivor Armstrong Richards publicou o livro *Principles of criticism*, em que nele o autor também defendia os postulados do *New Criticism*, contudo, nesse caso, alguns aspectos da sua visão foram criticados pelos *new critics* norte americanos. Outro precursor de destaque do movimento é William Empson com sua publicação intitulada como *Seven types of ambiguity* (1930) em que aborda essa nova forma de análise.

As diferentes abordagens criadas pela Nova Crítica certamente foram uma das maiores “revoluções” críticas na área dos estudos literários na universidade norte americana do século XX. Tal corrente recebe grandioso destaque até o ano de 1950, porém o movimento acaba perdendo força, ao passo que não perde importância. A herança deixada pela corrente crítica foi um núcleo conservador de várias camadas sociais, cujos homens das Letras estabeleciam as devidas (des)conexões entre o autor e a obra, entre a história e o texto, entre a emoção de quem escreve e a obra literária. Essas (des)conexões

eram feitas diferentemente da forma positivista que era impregnada a crítica literária antes de 1930.

É importante ressaltar que, mesmo ocorrendo paralelamente na mesma época, mas em lugares diferentes do globo, o *New Criticism* e o *Formalismo Russo* não possuem nenhum relacionamento histórico. Apesar de haver bastante semelhança entre as correntes citadas, como a desconsideração pelos aspectos extralinguísticos, por exemplo, ambas possuíam diferenciações em sua ideia principal.

UM PASSEIO ENTRE OS PRINCÍPIOS, PROPOSTAS E DELIBERAÇÕES

A Nova Crítica, como também o termo é traduzido, tem como princípio básico a ideia de que todo texto deve ser interpretado em sua própria unidade e autonomia. Eliot, destaque do *New Criticism*, em suas conclusões sobre o assunto, distancia-se da ideia de que um poema é uma expressão da personalidade e dos sentimentos vividos por quem o escreveu. O crítico pregava que a visão individual deve se transformar em uma sabedoria técnica, já que um texto é a apropriação da tradição literária.

Indo em direção contrária a todas as noções notáveis do século XX, surge a partir dos postulados *Eliotianos* uma das definições mais consagradas no *New Criticism*: o correlato objetivo. Esse conceito trata da formulação de um grupo de objetos, situações ou paisagens com o poder de causar no leitor de um poema a emoção desejada. O autor organiza tais elementos de forma que, uma vez apreciados na leitura, desencadeiam uma carga emocional imediata no leitor. Para Eliot, o autor não deve trabalhar com suas emoções próprias na produção de um poema, mas com símbolos universais que causem reação emocional. Nas palavras do próprio T. S. Eliot:

A única maneira de expressar a emoção em forma de arte é encontrar um "correlato objetivo", em outras palavras, um grupo de objetos, uma situação, uma cadeia de eventos que serão a fórmula dessa emoção particular, de modo que quando os fatos externos, que devem terminar em experiência sensorial, são fornecidos, ele evoca imediatamente a emoção. (*Hamlet and his problems* In: *The Sacred Wood*, 1920:53)

Nesse ensaio, T. S. Eliot censura a obra barroca *Hamlet*, visto que, baseado no conceito de correlato objetivo, afirma que o estado emocional da personagem principal não encontra fundamento na objetividade do discurso mostrado no texto.

Como já foi mencionado, no ano de 1941 o movimento é nomeado *New Criticism* a partir da publicação da obra de John Crowe Ramson, crítico que também teve grande importância nos estudos do *New Criticism*. Nessa obra que nomeou a corrente, o autor aprofunda e analisa os postulados dos outros críticos também debruçados nessa causa literária, e chega a conclusões muito relevantes sobre o conteúdo de um poema. Segundo o crítico, o enunciado poético deve ser abordado como se fosse um curto drama, havendo nele um falante, uma história e sua transmissão a um ouvinte. Com isso, Ramson concluiu que um poema deve ser tratado dispersando-se do registro da realidade. Um poema, de gênero lírico, satírico, dramático ou épico, sempre apresenta em si uma ficção, e como tal deve ser entendido e apreciado.

O *New Criticism* entende que o contexto em que determinada obra foi produzida pode ser ignorado, buscando sempre fazer nela uma análise mais precisa e com maior nitidez na descrição. Os *new critics* inovam ao possuírem um caráter completamente anti-biográfico e anti-histórico.

O movimento deliberou, a partir de sua visão inovadora, que os críticos fizessem uma leitura minuciosa do poema (*close reading*), ou seja, para entender o poema deve-se apreciá-lo emocionalmente, buscando resolver as tensões entre as diversas unidades semânticas do texto que independem das emoções do autor, ainda que essas emoções possam ter ocorrido durante a produção.

Houve também outras deliberações essenciais para a formação da estrutura teórica da crítica analisada nesse ensaio. A maioria dos críticos adeptos a essa corrente dirigiam seu olhar ao desprezo da intenção do autor e da história social em que o poema estaria inserido. Com isso, foram configurados dois conceitos de grande uso e importância na Nova Crítica: a falácia intencional e a falácia emocional, escritos na parceria entre Wimsatt e Beardsley.

A falácia intencional “consiste na ideia de que o entendimento de um texto resulta da descoberta da intenção do autor ou da identificação de seus sentimentos” (TEIXEIRA, 1998:3). Em outras palavras, a falácia intencional ocorre quando se analisa uma obra de arte pelo viés da intenção do autor que a produziu. O *New Criticism* privilegiara o *close reading*, em que nesse conceito não há margem para a preocupação com a intenção do autor de nenhuma obra literária. O contexto norte-americano definiu a interpretação pessoal de cada texto como um autoritarismo acadêmico, posto que, segundo essa nova crítica, a leitura correta deve ser feita a partir de pressupostos objetivos e elegidos por uma

teoria que deve dar conta de sua aplicação em todos os textos, usando tais pressupostos como ferramentas a qualquer pessoa com um mínimo de condições técnicas para o ato da análise literária.

A falácia emocional, por sua vez, designa a ideia de que a análise do texto literário se confunde com o exame da emoção provocada por ele. Segundo os impressionistas – crítica em evidência na cena literária nos primeiros anos do século XX – a emoção da leitura é a interpretação pessoal. O *New Criticism* se empenhara em abolir esse postulado impressionista, pois concluiu que a orientação difundida por essa crítica impressionista confunde o que o poema faz com o que ele é. A crítica deve-se limitar na avaliação formal do texto literário, deixando para a psicologia a análise das emoções provocadas pela arte. A obra literária deve ser entendida como uma forma particular de conhecimento que pode intensificar e aprimorar o contato com a vida. Para os *new critics*, a crítica tem por objetivo apurar em um poema propriedades intrínsecas que o transformam em poesia, procurando deixar claro que a emoção sentida ao fim da leitura de um texto é fictícia, visto que o leitor estava diante de uma ficção.

Seguindo o viés de análises das conclusões feitas pelos *new critics*, o desenvolvimento da paráfrase para eles é outro ponto errôneo em grau elevado. O senso-comum, segundo Antoine Compagnon (1998) em seus estudos, entende a análise literária como uma explicação literal do texto. Nesse sentido, o *New Criticism* aproxima-se dos pressupostos do Formalismo Russo, cujo “recusam a paráfrase porque consideram que o verdadeiro entendimento de uma imagem não consiste na captação de seu significado lógico, e sim na percepção de sua configuração estética, na fruição de seu valor expressivo” (TEIXEIRA, 1998:4).

Em suma, segundo essa crítica inovadora, o passo-a-passo da leitura deve integrar-se a um sistema com coesão de definições, encaixando-se numa teoria que configure o texto através da perspectiva de abordagem intrínseca proposta nos fundamentos do *New Criticism*.

O NEW CRITICISM NO BRASIL

O *New Criticism* chegou ao Brasil e Afrânio Coutinho foi quem se dedicou a difundir tais ideais após de ter passado cinco anos nos Estados Unidos – de 1942 a 1947 –

trabalhando na edição de um jornal, o que o leu a sempre estar em contato direto com inúmeros intelectuais e críticos na área dos estudos literários.

Publicado em seis volumes, a obra *A literatura no Brasil* (1955) é a prova concreta de todo esforço do crítico em difundir uma crítica literária que “deveria destacar e valorizar a qualidade estética da obra, deixando em segundo plano os fatores históricos e biográficos tidos por exteriores à criação literária” (BOSI, 2002:27). No Brasil essa “Nova Crítica”, como logo foi traduzida, era grandemente revolucionária, ao passo que toda e qualquer análise literária feita até dado momento da publicação da obra de Coutinho era feita baseada nos pressupostos da crítica impressionista.

Como uma ciência autônoma, a crítica literária divulgada por Afrânio Coutinho propunha que as análises literárias em jornais e revistas fossem feitas exclusivamente por profissionais da área da Letras, visto que esses possuiriam técnicas aprendidas na academia que são mais adequadas para realizar tal feito. Com isso, o crítico brasileiro travou um grande embate como Álvaro Lins, um dos maiores críticos literários dos jornais da época, que em seu trabalho fazia o que Afrânio Coutinho considerava como “crítica de rodapé”, e sobre esse modelo de análise, Coutinho disse o seguinte:

Crítica é aquela atividade que se exerce de maneira sistemática e militante nos folhetins e rodapés de jornais semanalmente, na maioria dos casos. Não interessa o conteúdo. (...) No comum, ela consiste em um longo artigo, em que um livro ou um autor servem de pretexto para divagações mais ou menos pessoais do 'crítico', a propósito ou à margem do assunto tratado. Será possível, analisando-se os exemplos mais típicos, reduzir a técnica a uma fórmula ou nariz-de-cera que se ajusta, mais ou menos, com algumas variantes, à maioria dos casos. (COUTINHO, 1975:59-60)

De acordo com os estudos de Coutinho, a literatura contemporânea necessitava de uma crítica que abolisse os aspectos extrínsecos, e essa seria a função da Nova Crítica: não se limitar a ter só um instrumento de análise, mas “um conjunto de ideias e princípios, no plano da estética geral e da doutrina literária” (COUTINHO, 1975:94).

Ao querer implantar a Nova Crítica no Brasil, o maior objetivo de Afrânio Coutinho era de criar uma consciência crítica diferentemente da que vinha sendo feita até o ano de 1950. Para ele, para uma crítica ser feita de modo consciente, somente a formação no curso de Letras possibilitaria isso, pois nesse curso haveria o ensino de metodologias eficazes para a análise literária. Coutinho defendia a ideia de que os “novos críticos” brasileiros deveriam ser especialistas levados a exercer o seu papel em diferentes e

inúmeras frentes, a fim de criar uma crítica sólida baseada nas ideias norte-americanas em destaque no ano de 1940.

NAS ENTRELINHAS DE ASIMOV: UMA CRÍTICA DA CRÍTICA

O escritor estadunidense Isaac Asimov (1920 – 1992) foi quem satirizou o *New Criticism* através das entrelinhas de um de seus contos. O conto *The Immortal Bard* (1954) - O Bardo Imortal - narra a história de um físico que constrói uma máquina do tempo com o objetivo de trazer personalidades do passado para o presente. Após conversar com cientistas renomeados como Arquimedes e Galileu, que não conseguem se adaptar à sociedade do século XX, o físico se propõe a tentativa trazer aquele “que conhecesse as pessoas o bastante para poder viver com elas a séculos de distância de sua própria época” como o próprio diz, isto é, trazer o poeta e dramaturgo William Shakespeare. O escritor inglês fica impressionado ao saber que seus escritos fizeram tamanho sucesso e foram tão influenciadores. Com isso, o físico se matricula em um curso de extensão da faculdade de Letras norte americana cuja ementa era baseada nas críticas literárias em cima das narrativas Shakesperianas. O resultado não é nada positivo: “Deus tenha misericórdia”, choraminga o Shakespeare no conto de Asimov, dizendo “O que é que não se pode espremer das palavras em cinco séculos? Eles podem tirar, eu acho, uma enchente de uma flanela molhada!”

O que Isaac Asimov pretende nesse texto é mostrar a análise do texto insuficiente proposta pelos críticos do *New Criticism* no campo dos estudos literários. Para Asimov, a visão da “nova crítica” norte americana não dava conta de todos os aspectos envolvidos em uma obra literária, ou seja, esquecendo-se os aspectos extrínsecos do texto, muitos dados importantes são retirados da análise, tornando-a incompleta, insuficiente. Para manifestar-se contra isso, sabiamente Asimov usa aspectos extrínsecos ao texto – a situação da crítica literária no momento – para criticar o modelo de corrente crítica que visa somente a análise dos aspectos intrínsecos.

ANÁLISE INTRÍNSECA E EXTRÍNSECA: UM CONTO MACHADIANO

Analisar os célebres contos de Machado de Assis (1839 – 1908) não é uma tarefa nada simples. Trataremos aqui em forma de um conciso resumo e de uma breve análise o

conto “Pai contra mãe”, publicado no livro *Relíquias da Casa Velha* (1906) e que inspirou o filme contemporâneo intitulado “*Quanto vale ou é por quilo*”, do diretor Sérgio Bianchi (2005). O filme mostra a situação social do Brasil entre duas épocas diferentes, monarquia e capitalismo, cujo sentimento frívolo e cruel ainda é presente.

Começando com a frase de impacto “*A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos como terá sucedido a outras instituições sociais*”, o conto é narrado em terceira pessoa e ambientado no Rio de Janeiro no final do Segundo Império. Resumindo-o de forma bem concisa, o protagonista, caçador de escravos fugitivos Cândido Neves casa-se com sua noiva Clara que engravida dele, mas, por conta da escassez de escravos fugitivos, a família enfrenta enorme dificuldade financeira. Sem saída, com o nascimento do filho, Cândido decide levá-lo à Roda dos Enjeitados para que o bebê não morresse de fome. Contudo, pelo caminho, Cândido encontra uma escrava fugitiva e a persegue após entregar o filho a um farmacêutico. Cândido consegue capturá-la, entretanto a escrava fugitiva suplica por liberdade, afirmando que está grávida e fogia por não querer que seu filho se torne mais um escravo em meio a tamanha brutalidade. O caçador ignora seu clamor e entrega a escrava a seu dono. A mulher aborta a criança que esperava, enquanto Cândido recebe uma boa quantia em dinheiro pela caça concluída e, assim, o protagonista retorna com melhores meios pelos quais sustentar seu filho e esposa. O conto termina com a frase de Cândido: “*Nem todas as crianças vingam...*”, caracterizando a frieza do homem do período monárquico. Essa frase que fecha o conto mostra que somente vingam somente os que, mesmo em condição econômica difícil, contam com a proteção social por serem de cor branca, já que a população negra era desumanizada, sem chances de “vingar”.

A Crítica presente no conto é em relação aos aspectos maquiavélicos do capitalismo. O conto “Pai contra mãe” é visto como um dos retratos mais brutais da escravidão no país e é de enorme importância. O poeta, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista, e crítico literário Machado de Assis é caracterizado por sempre fazer críticas e ironias, no caso desse conto analisado, fazer uma crítica a sociedade. Dessa forma, com essas características pessoais do autor, seria possível ao leitor entender o aspecto principal das obras machadianas a partir da visão do *New Criticism*? Analisar a riqueza das palavras, as construções dela, sem se preocupar com as influências e os sentimentos que levaram o autor a escrever tal conto nessa temática demonstra uma análise insuficiente. Joaquim Maria Machado de Assis sempre foi um dos principais autores a se debruçar à crítica social, e de uma forma singular, marca em suas obras muitos aspectos

personais que, a partir da visão da “nova crítica”, não conseguiriam ser percebidos com a importância que merecem.

A estética Machadiana mostra extrema habilidade na elaboração de contos de caráter psicológico, com foco narrativo autobiográfico, em que o ponto de vista do narrador e suas motivações tornam-se exclusivas. A ironia vai penetrando-se e aumentando progressivamente não somente na análise dos hábitos sociais e culturais das pessoas do Rio de Janeiro, sobretudo na observação da própria natureza humana, apresentada em seus vícios, defeitos e limitações.

Partindo para uma análise intrínseca, a cena repleta de brutalidade do aborto da escrava vale mais do que muitos discursos acerca da escravidão. A análise puramente do que o texto diz, fazendo um *close reading*, no caso, permite que o leitor perceba em meio a tantas figuras de linguagem um aspecto importante do New Criticism: independente da visão contra a escravidão do autor, o conto consegue por si delimitar seu objetivo, que é criticar e ironizar ficcionalmente a corrupção do caráter humano e o modelo de prática escrava, para, dessa forma, causar comoção ao mostrar que o ser humano é cada vez mais individualista e que o tratamento aos negros era desumano.

Percebe-se então uma forte dicotomia: a análise de um texto puramente pelo viés do New Criticism permite uma visão mais apurada das palavras e de sua disposição no texto, assim como da emoção que ela pode provocar no leitor. Todavia, os aspectos extrínsecos, que são abolidos pelos novos críticos, também se fazem necessários, visto que o estudo da estética machadiana, no caso dessa análise, vai muito além do que as palavras dispostas no texto dizem. Machado de Assis se mostra claramente notável nas entrelinhas, sendo necessário o conhecimento da sociedade, de sua vertente econômica e de sua história, juntamente aos anseios, desejos e filosofias do célebre autor para uma análise mais completa. Machado de Assis é o maior nome da literatura brasileira, e fazer de sua obra qualquer simples análise se tornará insuficiente, ao passo que os inúmeros aspectos machadianos vão muito além do que está na folha de papel escrita.

CONCLUSÃO

Longe de responder todas as questões sobre a tensão dos questionamentos acerca da crítica literária conhecida como *New Criticism*, visou-se nesse ensaio uma reflexão sobre essa vertente da crítica norte-americana e sua atuação no Brasil, mostrando sua história de

maneira breve e seus princípios e propostas de análise literária. Vale ressaltar que, enquanto ciência, nenhuma crítica literária será suficiente para a análise de uma obra. As inúmeras interpretações de um texto dependem da visão particular daquele que lê, e, um pouco de cada corrente crítica serve como mais uma ferramenta para a arte de interpretar. Sempre será necessário levar em consideração aspectos da linguagem para se chegar ao mais próximo possível de uma interpretação completa, já que “a Literatura é, e não pode ser outra coisa, senão uma espécie de extensão e de aplicação de certas propriedades da linguagem” (VALÉRY apud COMPAGNON, 2010:40).

A hermenêutica do *New Criticism* contribui significativamente para a área dos Estudos Literários, já que analisar somente os aspectos intrínsecos a um texto propõe uma interpretação rica dos sentidos expressos por uma obra literária. A distinção entre o sentido e a significação, ou entre interpretação e avaliação, é bastante lógica ou analítica, visto que marca a prioridade lógica do sentido em relação à significação, da interpretação em relação à avaliação.

A partir de toda reflexão, cabe ao estudante de Letras adquirir cada vez mais conhecimento sobre as principais correntes críticas da literatura desenvolvidas ao longo da história, e saber perceber em cada uma delas, características pertinentes e positivas, assim como perceber as insuficientes, logo, que podem ser complementadas com um viés de outra corrente crítica. Conseguir administrar todos os aspectos extrínsecos e intrínsecos presentes em um texto é uma tarefa árdua para qualquer crítico, talvez impossível, contudo, a literatura é árdua, é uma ciência sem fim. “A literatura obedece a leis inflexíveis: a da herança, a do meio, a do momento.” (Hippolyte Taine. Pensador determinista da metade do século XIX).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASIMOV, Isaac. *O Barco Imortal*. In: Antologia do Conto. Caminho Editorial: São Paulo, 1993.

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: _____. *Relíquias de Casa Velha*. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1990.

BOSI, Alfredo. *História Consica da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

COHEN, Keith. *O New Criticism nos Estados Unidos*. In: _____. LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria – literatura e senso comum*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968

COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

ELIOT, Thomas Stearns. *The Sacred Wood*. Estados Unidos, 1920.

LIMA, Marcos Hidemi. *Afrânio Coutinho e o New Criticism no Brasil*. <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/02/artigo15a.pdf>. Acessado em 05/08/2011.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: 7 Letras, 2008.

TEIXEIRA, Ivan. *New Criticism*. In: _____. Fortuna Crítica. Volume 3. Revista CULT, setembro/1998.